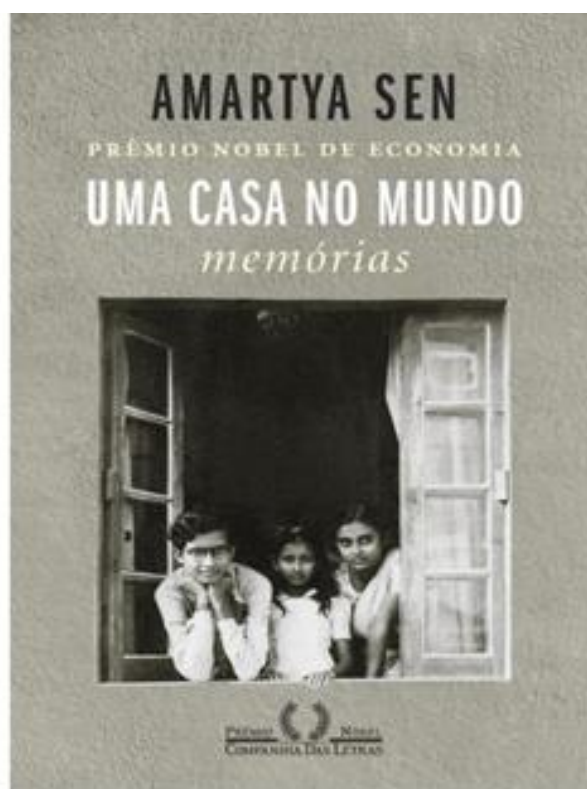


Resenha

Amartya Sen: Uma vida interligando civilizações

Armando de Melo Lisboa

SEN, Amartya. *Uma casa no mundo: Memórias*. Tradução: Berilo Vargas. São Paulo: Cia. das Letras, 2022. 468 pp., ISBN978-65-5921-100-5.



324

“Nosso padrão de vida será muito pouco – ou praticamente nada – afetado pela presença ou ausência das corujas pintadas, mas tenho convicção de que não deveríamos permitir que essa espécie seja extinta por razões que nada têm a ver com os padrões de vida humanos.” (SEN, 2010).

Amartya Sen nos presenteia com o fascinante relato de memórias: Uma casa no mundo. Nele reluz a perene e norteadora influência da família (emblemática na foto da capa do livro, onde está ao lado da irmã Supurna e da prima Mira), especialmente dos avós. Brilha também a sinergia de amizades profundas, entre elas Ranajit Guha (pioneiro dos estudos subalternos), Mahbub ul Hag (criador do IDH) e Piero Sraffa.

A foto da capa, aliás, foi tirada em Santiniketan, sede da escola Visva-Bharati (“unir o mundo com toda a sabedoria”) fundada em 1901 por Rabindranath Tagore (1861-1941), onde Sen nasceu (1933) e fez sua formação pré-universitária. Priorizando uma “excepcional combinação de liberdade e raciocínio” (p. 60), a “escola sem paredes” – aulas aconteciam ao ar livre – Visva-Bharati “dava mais ênfase ao fomento da curiosidade do que à excelência competitiva” (p. 34; 80).

Com um ambiente misto, numa época em que mulheres não tinham muitas oportunidades, a educação delas era naturalmente fomentada naquela escola. Amartya apenas conhecerá um colégio só masculino em 1953 ao ir para o Trinity em Cambridge (p. 218). Este contraste o colocará na contramão da negligência da dimensão de gênero vigente na tradição econômica hegemônica. Sua obra desvendará a discriminação entre os sexos como dimensão relevante no combate à desigualdade social. A fundação Pratichi Trusts, por ele criada com o dinheiro do Nobel (1998), dedica-se a apoiar a

educação primária e a igualdade de gênero na Índia e Bangladesh.

De Santiniketan, Sen transcreve esta esclarecedora descrição:

O princípio do seu método de ensino é que o indivíduo deve ser absolutamente livre e feliz num ambiente onde tudo é paz e as forças da natureza são evidentes; é preciso, portanto, haver arte, música e aprendizado em todos os ramos nas pessoas e nos professores; as aulas são regulares, mas não compulsórias, realizadas embaixo das árvores[...] (p. 59).

Seu nome, Amartya (“imortal”, em sânscrito), foi escolhido por Tagore, a quem toda sua família materna era profundamente ligada. As conceituadas obras de Tagore eram escritas em sânscrito, bengali, hindi e guzerate, mas se tornaria um astro literário no mundo ocidental quando passou, a partir de 1910, a publicar em inglês, obtendo então uma entusiástica – e caricaturalmente mística, ressalva Sen – recepção que culminaria com o Prêmio Nobel de Literatura (1913). Refletindo a profunda ascendência de Tagore, o título das memórias de Sen homenageia o seu “maravilhoso e universalista” (p. 109) livro “A casa e o mundo”, transformado num “belo filme” por Satyajit Ray (1921-1992). Um dos grandes diretores do cinema do século XX e seu contemporâneo de estudos em Santiniketan, este cineasta também exercerá importante influência sobre Sen.

Além de Santiniketan, as muitas casas da interligada vida de Sen principiam entre as cidades de Mandalay (Birmânia, na qual viveu entre os três e os seis anos), Daca (hoje em Bangladesh), e Calcutá (Índia). As duas últimas localizam-se na região banhada pelos rios de Bengala, área onde se condensa uma diversificada cultura, com forte presença hindu, muçulmana, budista. Nela a britânica Companhia das Índias Orientais tinha sede, além da relevante atuação de empresas francesas, portuguesas, holandesas, prussianas e dinamarquesas. Confluência de múltiplas culturas, a “identidade bengalesa sempre foi importante para mim” (p. 150) – “sonho na língua bengali”, confessa Sen (p. 297) – pois avalia que não lhe foi “invasiva para eliminar minhas outras lealdades”, mas, pelo contrário, inclusiva das suas outras filiações e expressão da dignidade humana fundada numa ampla e sincrética base (p. 151).

As raízes multiculturais das tradições indianas estão bem demarcadas na longa e milenar história que Sen nos resume. Situada no entrecruzamento entre a Ásia e a Europa (Rota da Seda), são mais de 2 mil anos de intensa movimentação de ideias, eruditos e comerciantes (que dominam o sânscrito, persa, árabe, latim, mandarim...), mormente entre a Índia e o Extremo Oriente (China, Indonésia, Malásia, Camboja, Vietnã, Tailândia, Birmânia). Sen registra que a “atitude indiana de fronteiras abertas desde seus primeiríssimos tempos” (p. 178), levou-a a receber uma forte

imigração judaica que começou logo após a queda de Jerusalém no século I. Refletindo suas convicções seculares, Sen selecionou uma história que seu avô lhe contava. Uma noite, conversando e fumando narguilé com um sacerdote muçulmano em sua casa, viram passar um sacerdote hindu, e o convidaram calorosamente para se juntar a eles. Este “se recusou, chamando a atenção para a diferença que havia” entre eles, no que o muçulmano respondeu:

Amigo, na verdade não existe diferença entre nós. Você vive explorando as vulnerabilidades de hindus ignorantes, e eu vivo explorando as vulnerabilidades de muçulmanos ignorantes. Nosso negócio é exatamente o mesmo (p. 154).

Amartya corporifica e é devedor da “tradição argumentativa dos debates filosóficos indianos” (p. 306), a qual remonta à Nalanda, “a universidade mais antiga do mundo” que floresceu entre o século V e XII (p. 123). Pessoas de toda a Ásia iam à Nalanda em busca de educação superior – chegou a ter 10 mil alunos residentes. Esclarece Sen sobre o “erro enorme” de vê-la como subproduto da Rota da Seda, a qual nunca esteve associada pois a universidade situava-se distante da mesma. Sua imensa influência decorre de outra força motriz que não o comércio: “se este junta as pessoas (o que sem dúvida faz), o mesmo se pode dizer da busca do conhecimento e do esclarecimento” (p. 126).

A voz de Amartya ecoa uma forte advertência do “poder nocivo do nacionalismo, apesar de seus objetivos por vezes elevados” (p. 109); do “faccioso pensamento comunal fundado na hostilidade religiosa” (p. 108); da truculência conceitual do “estreitamento das ideias com fórmulas simples” (p. 240). Aqui Sen enfatiza o bitolamento advindo do confinamento identitário, que, além de nos deformar como seres unidimensionais e nos roubar “a riqueza das identidades múltiplas que todos temos”, é “potencialmente inflamável e fonte de conflitos”, pois “fomenta a violência na política” (p. 395-6).

Mas, o decorrer dos anos lhe traz inúmeros exemplos do “quanto qualidades humanas como bondade e prestatividade podem ser difundidas”. Isto o leva a refletir que se “da madeira torta da humanidade jamais se fez nada reto” (cf. advertiu Kant), nela também há “madeira reta que pode nos surpreender” com atos admiráveis de generosidade e compaixão (p. 323).

Entre estes episódios, narra que ao chegar no Trinity College (Cambridge) seu interesse era a Teoria da Escolha Social (TES), encantado que ficou com um livro de Kenneth Arrow lido ainda em Calcutá. Todavia, nenhum dos professores de Cambridge tinha interesse em lhe orientar nesta área, com alguns inclusive muito hostis. Os únicos docentes com abertura ao seu envolvimento com a TES foram dois marxistas, Maurice Dobb (que se tornaria seu supervisor) e Sraffa (que viraria uma espécie de “supervisor extra”). Dobb, apesar de “bastante

alérgico ao raciocínio matemático”, escutou-o “com muita atenção” e lhe disse “que o assunto era matemático demais para trabalharmos nele juntos. No entanto, estava pronto – na verdade ansioso – para conversar comigo sobre as partes da TES que compreendia”. “Vai ser uma bela excursão para mim”, disse ele (p. 313).

Por outro lado, revela uma Joan Robinson “dogmática”, com “seu desdém pelas teorias predominantes” (ou mesmo “sua rejeição imediata das perspectivas marxistas cuidadosamente desenvolvidas por Dobb, Sraffa e Hobsbawn” – p. 306). Com ela conviveu intimamente, chegando ler a cada semana os capítulos manuscritos de *The accumulation of capital* (1956), momento em Joan lhe convida a “juntos enfiar o último prego no caixão da economia neoclássica”. Dobb, ao saber deste convite, lhe disse: “deixe que ela enfie o prego, e faça o que mais interessa a você” (p. 314).

Das inúmeras amizades, realço a com Piero Sraffa (1898-1983), que lhe fez escapar de muitas das “minhas idiotices” (p. 361). “Piero publicou muito pouco, e apesar disso teve profunda influência em muitas áreas diferentes de investigação intelectual” (p. 370). Ludwig Wittgenstein perfila entre estas influências. “Quando deixou Cambridge em 1913 já tinha estabelecido a reputação de um dos principais filósofos do mundo”. Ao retornar em 1929, pouco após a chegada de Sraffa a Cambridge, a cidade ficou em alvoroço, a ponto de Keynes escrever para a esposa: “Deus chegou” (p. 375).

Ao trazer Wittgenstein para a então pioneira área da linguagem, Sraffa afastou-o dos seus pensamentos iniciais esculpidos no *Tractatus* (sua primeira grande obra). O filósofo registrou que suas conversas com Sraffa o faziam sentir-se “como uma árvore da qual todos os galhos foram cortados”, e que o mais importante que ele lhe ensinou foi “uma maneira antropológica de ver problemas filosóficos” (p. 376).

Sraffa era próximo do Partido Comunista Italiano e amigo de Antonio Gramsci, o qual, além do PCI, também dirigia *L'Ordine Nuovo*, revista de esquerda que criou em 1919, e na qual Pietro escrevia regularmente.

Este lhe narrou sua discussão com Gramsci. Como líder do PCI, Gramsci se recusava “a trabalhar junto com outros partidos antifascistas na Itália”, pois “temia que os comunistas pudessem ser desviados de seus objetivos políticos”. Como sabem, no final de 1922 Mussolini passou a governar o país. Em 1924, Sraffa fez uma “vigorosa crítica ao unilateralismo do partido”, defendendo “a importância de ter uma oposição democrática unida”, pois entendia ser vital trabalhar juntos na oposição à Mussolini (p. 404). O jovem PCI então ainda privilegiava combater o Partido Socialista... Tardiamente, Gramsci se convencerá dos argumentos de Sraffa, o que será fatal não apenas para ele, mas, de certa forma, para toda humanidade, uma vez que na Itália daqueles anos gestaram-se as sementes do fascismo moderno.

“Uma casa no mundo” surpreende ao revelar as intensas convivências de Amartya com alguns

dos mais célebres intelectuais marxistas. Além de Sraffa, Dobb (de quem, por conta de “sua personalidade e amabilidade” se dizia “devoto”) e Robinson, já citados, Sen também desenvolveu uma sólida amizade com Eric Hobsbawm (“ele teve grande influência em minhas ideias”, p. 325), bem como com Paul Baran e Oscar Lange.

Mas também foi amigo de Kenneth Arrow, Paul Samuelson, Robert Solow e John Rawls, com os quais chegou a lecionar juntos (pois com frequência passava temporadas nas universidades norte-americanas) e, especialmente, de Dennis Robertson, seu colega no Trinity, o qual “tinha uma lealdade incondicional à ética utilitarista” (p. 366), bem como James Meade (com quem deu “aulas conjuntas” em Trinity), Luigi Pasinetti, e de Isaiah Berlin.

Tendo trabalhado nas duas Cambridge, narra que no MIT, diferentemente da Cambridge mais antiga, havia “uma ausência total de sectarismo entre membros de diferentes escolas de pensamento”, e que a “fadiga que eu sentia na velha Cambridge de tanto ouvir ataques muito bem ensaiados a escolas de pensamento [...] estava esplendidamente ausente”. Desde então “passei a ver a economia como uma questão integrada, com espaço para diferentes abordagens” (p. 385). Confessa que “tinha o maior interesse em passar um tempo com economistas americanos, longe das escaramuças de Cambridge entre as escolas nekeynesiana e neoclássica” (p. 381).

A obra de Sen não ficou hipnotizada pelas “divisões entre escolas de pensamento econômico” que dividiam os economistas entre “amigos e inimigos” (p. 308). Esta grandeza espiritual de Sen, que sempre fugiu das análises estereotipadas e vulgares, é confirmada no capítulo “O que fazer com Marx”.

Aqui, reconhece que desde a época de estudante lhe “impressionava o alcance intelectual do marxismo, mas sem me sentir tentado a tornar-me marxista” (p. 240). Vai então buscar entender por que nos seus “tempos de estudante, ninguém rivalizava com Karl Marx em prestígio e estatura intelectuais”, mas, no entanto, este quase não era objeto das aulas de economia... Ressaltando da obra de Marx alguns elementos preciosos para uma “economia alternativa” e cujos usos ainda são “fecundos” hoje, confessa que lhe “incomoda” a atual “decadência de uma grande, e noutros tempos criativa, tradição marxista” (p. 240).

Estar à vontade em inúmeras casas, línguas e correntes ideológicas moldou a percepção de Sen da economia ser “um assunto mais vasto” (p. 385), levando-o a refundar, seminalmente, a teoria do desenvolvimento, liberando-a da sua concentração debilitante nos “profundos equívocos desenvolvimentistas” (p. 308). Dois destes desacertos, em particular, são enfrentados diretamente na obra de Sen: tanto o reducionismo utilitarista, quanto as perspectivas deterministas e fatalistas. Nosso bengalês evita estes

economicismos vulgares, seja considerando “que fazer o bem não deve ser uma transação” (p. 115), pois é um imperativo moral; seja descortinando o lugar central que a liberdade tem “no enriquecimento da vida humana ao criar mais espaço para escolhas” (403), inclusive “a liberdade de produzir mudanças no mundo” (p. 358).

Como é sabido, Amartya reconceituou clássica e magistralmente o desenvolvimento como processo de expansão das liberdades. Assim, ao compreender a liberdade não apenas como alicerce do desenvolvimento, mas também como finalidade do mesmo, Sen associou-o de modo incontornável à ideia democrática, pois a liberdade envolve a participação e a construção de consensos através da persuasão e argumentação pública. “Democracia é governo pela discussão, e não apenas sobre votação” (p. 416), arremata. Ecos de Santiniketan ...

Desta concepção ampliada do econômico decorre, por exemplo, um refinamento no conceito de “desenvolvimento sustentável” do *Relatório Brundtland*: aquele que “atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atender às suas próprias necessidades”. À luz de Amartya, “preservar a coruja pintada” (vide epígrafe) é um “dever incondicional” (p. 115) que independe do nosso padrão de vida. Do mesmo modo, o caminho mais adequado para se superar economias insustentáveis é através, primordialmente, do sustento da liberdade das pessoas, e isto difere

de apenas buscar padrões de vida sustentáveis...

A trajetória de Sen, ao costurar oriente e ocidente, fundindo Adam Smith e Tagore, lhe permitiu ousadamente aproximar Marx com Arrow, Aristóteles com Rawls, e perfazer uma criativa conjugação entre ética e matemática que lhe valeu o Nobel de Economia e um reconhecimento que transcende em muito o campo econômico.

Por fim, pontuo minha única frustração destas “memórias”. A segunda esposa de Sen, com quem terá um filho e enviuará, Eva Corloni (1941-85), é sobrinha de Albert Hirschman (1915-2012). Sua sogra, Ursula Hirschmann (1913-91), irmã de Albert, vivia na Itália onde casou-se com

Eugenio Colorni (pai de Eva), que será morto pelos fascistas em 1944. Este casal, registra Sen, foram protagonistas pioneiros do movimento da União Europeia (p. 408). Albert, por sua vez, conviveu intensamente com Ursula e Eugenio na Itália, o qual inclusive lhe arranja sua primeira colocação profissional, como “assistente de estatística” na universidade de Trieste (em 1936). Todavia, inexplicavelmente, nenhuma menção a este “tio” é feita...

Como ambos tinham muitos interesses intelectuais comuns, um mínimo relacionamento entre eles poderia ter elevado ainda mais estas duas grandes figuras e, quiçá, influenciado de forma incontornável os rumos das ideias econômicas.

Referências

SEN, A. Por que devemos preservar a coruja pintada. In: SEN, A.; KLIKSBURG, B. **As pessoas em primeiro lugar**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 68.

Armando de Melo Lisboa é professor no Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **E-mail:** amelolisboa@gmail.com